

Ubiratan Muarrek

# UM NAZISTA EM COPACABANA



ESTE PDF FOI ENVIADO PARA  
O DEPTO. DE DIVULGAÇÃO

Rocco

– Alguém falou *merrrmãoaê?*

– ...

– Hã?

– ?

– Alguém falou...

Diana abriu os olhos, contrariada; aos poucos, para se acostumar, sem choques, à claridade. Em vão.

– ... *merrrrrmãoaê?*

– ... ?!?

– Alguém falou *merrrmão aê?!*

E entreviu, destacada pelos fiapos intensos de sol que entravam pela fresta, e que inundaram o quarto de luz depois da cortina escancarada, a silhueta da mãe na contraluz. Ei-la. Ela. Iracema. A própria! Logo de manhã. Triunfal, como o sol da Guanabara! Repetindo os bordões que ouvira na véspera, no programa humorístico da televisão, o *Casa da Sogra*. Tentando reproduzi-los com a voz arrastada, anasalada, rouca, *nortista-acariocada*:

– Alguém... falou... *aê?!*

Disposta a acordar a filha de qualquer maneira – sapateando, se fosse preciso. Com gestos! Iracema: gorda e atarracada, toda ela peitos e cabelos – estes, compridos e secos, longos fios grisalhos intercalados com mechas de um negro vivo, ásperos e armados como escova de aço, e se Iracema não era totalmente bruxa, era pelo menos feiticeira: entrando no quarto com a vassoura, sem pedir licença, todas as manhãs. Para abrir a janela e, se puder, arejar também a alma da filha, descortinando a vista magnífica das encostas ao fundo – Iracema era quem mais precisava daquela vista.

Na cama, nas costas da mãe, mal retomando a consciência alquebrada de si mesma, Diana se pergunta: como *ela* consegue? Como a figura

cambaleante que foi se deitar na noite anterior recendendo cerveja, caminhando trôpega da sala para o quarto como se fosse se atirar num poço, para derreter em um sono pesado, embalada a ronco e ar-condicionado: como Iracema era capaz de acordar tão cedo, mais cedo até do que uma grávida frugal e indisposta como ela? Mais cedo até do que a netinha, o bebê que Diana carregava na barriga, e que despertava aos pinotes dentro dela, como dera para fazer havia umas semanas e era assim agora, todas as manhãs.

E acordava tão viva e tão alegre, vovó Iracema, e inexplicavelmente inodora, rompendo desvairada no espaço minúsculo daquele semiquarto, ainda semiescuro, no embalo do samba e do funk, que ela acompanhava quando o pessoal passava lá embaixo, *woofers* estourando no porta-malas do carro logo cedo, apavorando o Flamengo:

– *Va-va-va-va-va-va-vá...*

Iracema só no passinho, no meio da sala, cantando e sacudindo...

– *Va-va-vai...*

... o corpanzil no piso frio de cerâmica...

– *Vai rolar uma pentada!*

... prestes a subir na cadeira, na cabeceira, na cômoda, na máquina de costura, se a deixassem, se a... aplaudissem...

– *Cu-cu-cu-cu-cu-cum...*

... forçando o correr dos trilhos da cortina da sala também, para dar mais impacto ao espetáculo das manhãs radiosas juninas e, na paradinha, erguendo o indicador para o Cristo em cima do morro lá fora, braços para cima, acompanhar o último respiro do funk que dobrara a esquina:

– *A missão será cumprida!*

Misturando ritmos e bordões, ao voltar para o quarto da filha...

– *Alguém falou merrmão aê?*

... disposta a se atirar em cima de Diana, se por acaso ela não abrisse os olhos e não despertasse para a visão incrível que a janela descortinava: aquele pico – o Corcovado – empinando-se e exibindo-se para as janelas dos apartamentos situados nessa faixa lateral do Flamengo.

Iracema a tratava não como se Diana inspirasse cuidados, mas como se jamais tivesse saído de casa, e não fosse ter um bebê em algumas semanas, e não carregasse um aquário que aumentava de tamanho hora a hora, dia a dia, trezentos gramas por semana, às vezes quatrocentos gramas,

*quatrocentossh gramaisshs*, sacaneava Iracema, imitando “esse pessoal metido da feira”, como dizia – “Eta povo metido esse carioca... eta povo besta!” Um aquário de proporções nunca imaginadas para alguém com a estatura miúda de Diana, uma garota mais para mignon, e que formava um morro pontiagudo também, arremetendo para cima depois dos peitos, estes também poderosamente inchados – Diana era toda curvas, morros e penhascos. A barriga subia tão abruptamente quanto descia, até a virilha miúda, que se mantinha delineada, após longos meses de hibernação, por vestígios dos banhos de sol – marcas de biquíni impregnadas nela.

E que barriga pontuda, caramba, era aquela! Iracema, antes do ultrassom tardio, cravou: menina. Barriga pontuda, menina. Curvatura ampliada, menino. Apesar de que, às vezes, como Iracema reconhecia, os sinais vinham trocados: a pontuda, se não fosse tão pontuda, podia ser menino, e a circunferência, sendo um pouco menor, menina – o que fazia de Iracema, a “dona Ira”, como era conhecida nas calçadas e quadras do bairro, e além do Flamengo, a medida de todas as coisas: *ela* definiria o que sairia de dentro *daquela* barriga. Assim como *ela* dava a luz ao dia. Pelo menos, dentro da sua casa. Como se coubesse a ela iluminar e pôr um fim ao sofrimento da filha, aos dois ou três minutos de sofrimento diários de Diana, ao despertar: longos minutos de agonia, aos quais se contrapunha a visão magnífica, o azul e o verde profundos que podiam ser sentidos a partir dali, da cabeceira da cama, provocando em Diana sentimentos de presença e pertencimento. Espichava-se um pouco a cabeça – como fazia Diana – em direção à janela, e lá estavam, apesar de Iracema e dos prédios, o céu, os morros, o vento, a luz e o cheiro de mar do Aterro – a baía inteira entrando pela janela, formas sinuosas e azuis límpidos, milagrosos, trazendo a promessa de cura. E, se restaram dois ou três minutos matinais de abismo, é porque foram reduzidos a isso, a duras penas, ao longo das últimas semanas.

Até há bem pouco tempo eram muitos, e bem mais longos, quase infinitos, os minutos de sofrimento de Diana ao acordar: poderiam chegar a uma, duas, três horas de agonia pura, líquida, lenta, cozida em lençóis, encharcada nos travesseiros, imobilizando-a na cama, com ou sem morro, vento, sol, janela ou Iracema. Mas a ação recuperadora da Baía da Guanabara e a mudança de ares e de clima, que vigoram mais ou menos por si, à revelia dos ressentimentos, a acalmaram um tanto; a larvinha, que crescia

alheia a tudo, e nadava veloz dentro do seu aquário bonito, e que agora amanhecia maluquinha no funk ali dentro – apertando-a e anunciando novas demandas, cuidados e pensamentos – lhe acalmara mais um pouco; o dia-após-dia, de-um-jeito-ou-de-outro, fez naturalmente o seu trabalho; o desapego que lhe era natural cuidou do resto. E foram-se as tardes e noites inteiras de angústia, insônia e choro sufocado; a mágoa profunda nutrida por si mesma, em que Diana se debatia, amaldiçoando-se por ser, por viver, por estar ali, por ter estado lá; e os momentos de normalidade mórbida ao lado da mãe, tão ou mais difíceis de suportar, em que Diana se afundava no sofá, ao lado de Iracema, na frente da tevê – a mãe sem ouvir ou falar coisa com coisa. Uma noite Diana não se aguentou, levantou-se do sofá, desconsiderando recomendações, e precisou ir até a janela, com o Cristo Redentor na sua frente, e a mãe pelas costas: praticamente se pendurou no parapeito do sétimo andar do prédio, com vontade não de pular, mas de gritar para o Cristo, para o Flamengo, para o Rio de Janeiro, para o raio que o parta, para o mundo:

– Eu... não vou... repetir... *jamais*... o nome... – contorcendo-se, apertando o ventre junto ao parapeito, temendo escorrer, sangrar, perder, engolindo as palavras, prestes a sair da boca, como se fossem alfinetes ou espinhos: jurando *não repetir o nome dele*... Jamais!

Pois o silêncio ajuda tremendamente a distância. E que incrível a diferença obtida! Atingir esse estágio ao acordar. Porque não é nada fácil para uma mulher jovem e grávida, e ainda menos sozinha, abrir os olhos e passar o dia em choque, com notas pretas ribombando entre os ouvidos, como o eco de um tapa que ressoasse sem cessar. Agora, o Infame – aquele do qual ela jamais iria pronunciar o nome novamente –, e tudo o que vinha junto com ele – os cômodos sombrios do confinamento conjugal, os tacos soltos do piso da sala, o sofá insalubre de veludo puído – os ácaros –, o carro caindo aos pedaços, *a vida* caindo aos pedaços e todo o resto – o frasco de óleo de amêndoas pela metade, o suco de laranja pela metade – a ladra disfarçada de doméstica – *a gravidez* pela metade – o calor tipo forno de São Bernardo do Campo, sem mar, sem luz, sem vento, enfim: agora, as amargas lembranças que vinham com o Infame tinham um limite, três minutos, às vezes um pouco mais – sem contar, evidentemente, as intermitências, as recaídas, que se tornavam, porém, cada vez mais espaçadas, no decorrer do dia, ocorrendo com mais frequência à tarde, com o calor.

– E lááá vou eeu...

E logo Iracema intervinha...

– ... *pela imensidão do mar!*

... para despertá-la, chamá-la, medicá-la, para contar o final da novela da véspera, para que ela sáísse do quarto, para isso, para aquilo – para importuná-la –, o que não incomodou tanto Diana no início, mas que seguramente iria incomodá-la quando a mãe passasse também a machucá-la. Talvez machucasse menos do que no passado: o pai não estava mais ali para ser disputado. De sua parte, Diana deveria confessar, se fosse capaz de ser cem por cento honesta consigo mesma, o tanto que Iracema, a janela, o samba, a vassoura e tudo mais a ajudaram, desde que retornara, a deixar toda a promessa vã da sua felicidade bem longe, além dos morros, para trás.



ESTE PDF FOI ENVIADO PARA  
O DEPTO. DE DIVULGAÇÃO